

A construção do *ethos* em discursos de posse presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1995) e Luís Inácio Lula da Silva (2004)

Alisson Fernando Abreu de Sousa

Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

 alissonabreu7@gmail.com

 orcid.org/0000-0002-5926-3521

Kennedy Cabral Nobre

Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil.

 cabralnobre@unilab.edu.br

 orcid.org/0000-0002-8382-2151

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a constituição do *ethos* nos discursos de posse presidencial dos primeiros mandatos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, levando em consideração a forma como o espectro político partidário influencia a projeção da imagem de si. Para tanto, serviu de aporte teórico considerações acerca do *ethos*, além da discussão sobre posicionamento político. Como metodologia, baseamo-nos nas categorias de *ethé* de credibilidade e de identificação propostas por Charaudeau (2015). Os resultados apontam que ambos os discursos constroem para seus oradores *ethé* vários, em conformidade com o espectro político dos partidos por eles representados, tanto no escopo da credibilidade quanto no escopo da identificação. Contudo, é possível afirmar que o *ethos* de competência seja mais ressaltado no discurso de FHC e que os *ethé* de solidariedade e de chefe, mediante figura de guia soberano, apresentem-se mais proeminentes no discurso de Lula.

Palavras-chaves: *Ethos*; Discurso político; Discurso de posse.

Abstract: This paper aims to analyze the constitution of the *ethos* in the presidential inauguration speeches of the first mandates of Fernando Henrique Cardoso and Luiz Inácio Lula da Silva, accounting for the way the political spectrum exerts influence on the projection of an image of themselves. To do so, we drew on the theoretical considerations about *ethos*, in addition to the discussion on political positioning. As a methodology, we chose the categories of credibility and identification proposed by Charaudeau (2015). The results show that both speeches attribute to their orators several *ethé*, in accordance with the political spectrum of the parties they represent, both in terms of credibility and identification. However, it is possible to affirm that the *ethos* of competence is more emphasized in FHC's speech and that the *ethé* of solidarity and chief, through the figure of a sovereign guide, are more prominent in Lula's speech.

Keywords: *Ethos*. Political discourse. Inauguration speech.

Introdução

Seja no elóquio, pela maneira de falar; seja no comportamento, pelo modo de agir, as pessoas sempre projetam imagens de si, voluntária ou involuntariamente, quer correspondam quer não ao seu caráter, à sua personalidade, ao seu modo de ser no mundo. Sobre este fenômeno, denominado inicialmente pela retórica clássica aristotélica de *ethos*, diversas áreas atualmente se têm debruçado, como a literatura, a linguística, o direito, a ciência política, a análise do discurso, nos mais variados contextos sociais. Ainda que o *ethos* seja analisado sob as mais diversas acepções, é indubitável o interesse acadêmico em se investigar a construção do *ethos* no discurso político, num claro afã de desvelar regularidades no uso de estratégias e mecanismos que estruturam as conjunturas políticas.

Os atores políticos, por figurarem em espaços públicos e midiáticos, estão sempre à vista de holofotes, construindo imagens de si por meio de discursos, de comportamentos, ora para convencer, ora para agradecer, ora para defender um ponto de vista, ora para posicionar-se política e ideologicamente, ora para justificar suas ações etc. São múltiplas as imagens construídas no cenário político, assim como são múltiplas as formas de percepção a que se chega das imagens construídas, ordinariamente dispostas em um cenário de polêmica e interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008b). Por isso, é feliz a metáfora da máscara utilizada por Charaudeau (2015, p. 8), para se referir à imagem política, ao afirmar que “a máscara seria o nosso ser presente; ela não dissimularia, ela nos designaria como sendo nossa imagem diante do outro”.

Para Barthes (1985), o *ethos* consiste nos:

[...] traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são seus ares. [...] o orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isso, eu não sou aquilo (BARTHES, 1985, p. 119, tradução nossa)¹.

Assim, no discurso político, “o lugar de um jogo de máscaras” (CHARAUDEAU, 2015, p. 8), o orador constrói várias imagens de si, para

¹ No original: “[...] ce sont les traits de caractère que l’orateur doit montrer à l’auditoire (peu importe sa sincérité) pour faire bonne impression: ce sont ses airs. [...] l’orateur énonce une information et en même temps il dit: je suis ceci, je ne suis pas cela”.

corresponder às expectativas e representações do auditório, criar empatia e “causar boa impressão”.

O *ethos*, ou o caráter, ou a imagem de si projetada pelo orador no e pelo discurso, na *Retórica* de Aristóteles, é uma categoria ligada à persuasão, por constituir as provas técnicas do discurso cuja intenção é convencer por meio de oratória e eloquência eficazes. Para o filósofo, “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. [...] É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96). Assim, é no discurso que o orador buscar persuadir, e, ao mesmo tempo, construir uma imagem de si digna de fé e que inspire confiança.

Na perspectiva da Análise do discurso (AD), principalmente com os estudos empreendidos por Maingueneau (2008a, 2013, 2018), o *ethos* discursivo arrola-se dentro dos limites do discurso, da enunciação. Para o autor, o *ethos* “é parte constitutiva da cena de enunciação”² (MAINGUENAU, 2013, p. 75), em que esta cena subjaz e, ao mesmo tempo, valida o discurso. Sob esse ponto de vista, o enunciador deve se inscrever, de maneira mais ou menos livre, em uma cena de enunciação para conferir a si uma legitimação de seu dizer. Por essa razão, Maingueneau (2013) afirma que o orador assume o papel de um “fiador”, investido de uma corporalidade, cuja imagem o coenunciador deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, isto é, há uma incorporação de um *ethos* no discurso.

Charaudeau (2015) por sua vez, em consonância com Haddad (2005), defende que, ao tratar do *ethos*, é preciso levar em consideração esses dois aspectos: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. Nas palavras do autor,

[...] o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. [...] Ora, para construir a imagem do sujeito

2 Para Maingueneau (2015), os gêneros discursivos mobilizam um conjunto de práticas discursivas inscritas em regimes instituídos aos quais ele denominou cenas da enunciação. Estas, didaticamente, se dividem em cena englobante, que diz respeito a um tipo de discurso, a um setor da atividade social, tal como discurso político, discurso religioso, discurso midiático, etc.; em cena genérica, que diz respeito a um gênero discursivo específico, implicando uma série de restrições, amplamente estudadas na análise de gêneros, tais como finalidades (propósito comunicativo), papéis dos usuários, lugar, temporalidade, suporte, composição (estrutura composicional/estrutura retórica) e recursos linguísticos; e, finalmente, em cenografia, que diz respeito à construção concreta da enunciação, responsável por conceder singularidade aos textos. Esta, mais ou menos rígida (endógena), mais ou menos maleável (exógena), em conformidade com as necessidades de comunicação.

que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2015, p. 115).

Charaudeau (2015) sustenta essa posição ao retomar a questão da identidade do sujeito falante, desdobrada em sua própria identidade social de locutor, e na sua identidade discursiva de enunciador. Para o autor, o *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, pois, ao olhar do outro, o sujeito aparece com uma “identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si” (CHARAUDEAU, 2015, p. 115).

Em Amossy (2013, 2018), o *ethos* é uma categoria integrada à enunciação, em que imagem de si é apreendida por meio de todas as marcas verbais ligadas ao enunciado, à materialidade linguística do discurso. Contudo, é necessário esclarecer que não há categorias linguísticas *sine qua non* à apreensão do *ethos*. Como fenômeno discursivo que emerge da enunciação, qualquer elemento linguístico (vocabulário, estrutura gramatical, relações entre frases, tópicos discursivos, composição textual, etc.), paralinguístico (ações corporais, tom de voz, pausas, etc.) e plurissemiótico (linguagem não verbal, como imagens estáticas ou em movimento, sons, etc.) poderá ser pertinente à sua construção. Nesta pesquisa, ainda que originalmente os pronunciamentos tenha seu caráter oral, ater-nos-emos à linguagem verbal a título de análise.

Para Amossy (2013), a eficácia do *ethos*, no discurso, resulta da correspondência entre as representações do orador confiável e competente à imagem que ele crê ser a do auditório. Diz a autora que

[...] a interação entre o orador e seu auditório se efetua necessariamente por meio da imagem que fazem um do outro. É a representação que o enunciador faz do auditório, as ideias e as reações que ele apresenta, e não sua pessoa concreta, que modelam a empresa da persuasão (AMOSSY, 2013, p. 124).

As ponderações da autora nos conduzem a uma questão extremamente relevante no que concerne a qualquer análise de construção e projeção do *ethos*: a dificuldade de uma apreensão objetiva em sua totalidade, visto que, ainda que o *ethos* se constitua no ato enunciativo, nem se pode desprezar o papel do *ethos* prévio (cf. CHARAUDEAU, 2015; HADDAD, 2005), tampouco se pode ignorar que o *ethos* se constrói também na interação com os

coenunciadores, de modo que a imagem que é construída, não pelo orador, mas pelo auditório, jamais terá uniformidade. Na cena englobante do discurso político, a regra é que ocorra polêmica (AMOSSY, 2017; MAINGUENEAU, 2008b) nas imagens constituídas.

Feitas estas considerações, a presente pesquisa objetiva analisar a constituição do *ethos* em discursos de posse presidencial, de modo a verificar, em tais discursos, a ocorrência de regularidades na construção de uma imagem de si quanto ao espectro político dos oradores. Para tanto, escolhemos os discursos de posse dos primeiros mandatos de FHC (1995) e de Lula (2003), em decorrência não somente da representação político-ideológica ‘dissonante’, como também da proximidade cronológica da emissão desses discursos. Para embasar nossa metodologia de análise, utilizamos a classificação de *ethé* de credibilidade e de identificação proposta por Charaudeau (2015).

2. *Ethé* de credibilidade e de identificação

Nesse tópico, discorreremos sobre a classificação dos *ethé* de credibilidade e os de identificação no discurso político (CHARAUDEAU, 2015), para fins de reflexão sobre os critérios analíticos e a classificação adotada para a constituição do *ethos*.

2.1. Os *ethé* de credibilidade

De acordo com Charaudeau (2015), o sujeito falante constrói para si próprio uma identidade discursiva que conduz seu auditório (interlocutor ou leitor) a julgá-lo como digno de crédito, crível. Para isso, esse sujeito, no campo político, deve dizer a verdade (condição de sinceridade ou de transparência), fazer promessas e cumpri-las (condição de *performance*), e provar que tem meios de fazer o que promete e que os resultados serão positivos (condição de eficácia). Assim, o político buscar construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente.

2.1.1 O ethos de “sério”

Para demonstrar uma imagem de seriedade no discurso, o político mobiliza diversos índices (corporais, mímicos, comportamentais), dentre os quais nos interessam os verbais, descritos por um tom firme e comedido, por uma escolha lexical e de construções simples, e uma elocução serena (CHARAUDEAU, 2015).

2.1.2 O ethos de “virtude”

Para projetar uma imagem de virtuoso no discurso político, o orador deve demonstrar sinceridade, fidelidade, honestidade pessoal, lealdade, retidão, honradez, tanto na vida pública quanto na privada. Para Charaudeau (2015), dizer o que se pensa (tomando-se as devidas medidas e limites), a transparência naquilo que é dito, não se valer de embustes e ser direto, são atitudes de respeito para com a instância cidadã, que cria expectativas fantasiosas para fazer-se representar por um político que seja modelo de retidão e de honradez.

2.1.3 O ethos de “competente”

Para construir uma imagem de competência, o sujeito falante deve expressar que tem conhecimento, habilidade, aptidão, eficiência, experiência, e poder para exercer sua atividade política com destreza para obter resultados positivos. De acordo com Charaudeau (2015), a imagem de competente é construída pela visão do conjunto do percurso de um político, evocando, em seu discurso, características como herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida etc.

2.2 Os *ethé* de identificação

Os *ethé* de identificação são voltados para a instância cidadã, que se identifica com os ideais de um dado orador ou político. Por isso, o locutor, para tocar um maior número de indivíduos, constrói imagens de si levando em conta o afeto social do outro. Charaudeau (2015) destaca os *ethé* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de chefe, e de solidariedade.

2.2.1 Ethos de “potência”

No discurso, o político constrói uma imagem de potência ao apresentar um vigor físico, ao exaltar a força, ao vociferar pela voz e por palavras, e ao exercer uma espécie de violência verbal em relação a adversários políticos. Esse *ethos* desvela a determinação do político em agir, em mostrar-se ativo na vida política, no sentido de estar presente em todas as frentes (CHARAUDEAU, 2015).

2.2.2 Ethos de “caráter”

O político projeta uma imagem de caráter ao valer-se de estratégias discursivas e comportamentais diversas, dentre as quais Charaudeau (2015) destaca a vituperação, a advertência, a força tranquila, o controle de si, a coragem, o orgulho, a firmeza, e a moderação.

A vituperação exprime-se aos “berros” e diz respeito à crítica, à indignação e à reação quase imediata às situações, atitudes, decisões, comportamentos e declarações de alguém, sejam membros da instância adversária, oposição ao governo, sejam chefes de Estado diante de declarações de seus pares. A provocação e a polêmica são variantes dessa figura. A provocação é feita por declarações que têm por finalidade fazer alguém reagir. A polêmica, por sua vez, aparece, sobretudo, nos debates, visto que, nessa situação conflituosa, encontram-se adversários, cada qual negando os argumentos de seu oponente, na medida que questiona sua moralidade, seu caráter e seu comportamento.

A advertência, por conseguinte, é uma estratégia enunciativa que consiste em anunciar qual é a posição do sujeito, qual é o limite do sujeito e quais são as consequências negativas para o sujeito advertido. Outra estratégia é a força tranquila, em que o político, em seu discurso, evoca o tempo e a virtude da perenidade, bem como a tenacidade combativa de não abandonar seus compromissos, a confiança em si ao fazer cálculos para o futuro, e a força protetora para “guiar o rebanho”, com a serenidade de um pastor que conhece o caminho, com seus percalços e dificuldades.

O político, ao construir uma imagem de caráter no discurso político por meio da figura do controle de si, demonstra que pensa antes de agir e toma suas decisões ao ponderar as possibilidades tanto positivas quanto negativas.

A figura de coragem apresenta o político à instância cidadã como aquele que saberá enfrentar as adversidades sem enfraquecer e sem ceder à demagogia. O orgulho caracteriza o *ethos* de caráter quando o político demonstra o desejo de defender os valores e a integridade identitária de seu povo, quaisquer que sejam as circunstâncias. A figura de firmeza é expressada no discurso político por uma atitude de reivindicação da ação efetiva, em que o político demonstra energia e uma determinação inabalável. Por fim, a moderação, grosso modo, manifesta-se por declarações que comedem as ações ou as que se prestam à polêmica.

2.2.3 Ethos de “inteligência”

De acordo com Charaudeau (2015), o político constrói uma imagem de inteligente quando provoca a admiração e o respeito dos indivíduos e assim os faz aderir a ele. A inteligência é percebida tanto em função da maneira como o político age e fala durante os acontecimentos político quanto pela forma como se comporta em sua vida privada.

Segundo o autor, há duas figuras que constituem esse *ethos*, quais sejam: a do homem honesto e culto (*honnête homme cultivé*) e a da astúcia ou malícia. A primeira figura depende do capital cultural do político, cujo comportamento é reflexo de sua formação acadêmica e origem social. A figura da malícia/astúcia, por seu turno, é mais sutil e difícil de ser determinada, haja vista que remete à dissimulação entre o ser e o parecer. Essa figura é acompanhada por certo embuste, em que o político, ao utilizar palavras ambíguas, passíveis de diversas interpretações, não revela todas as suas intenções para seus adversários ou para a mídia, mas age com astúcia para melhor realizar seus projetos nessa confrontação perpétua que permeia a vida política.

2.2.4 Ethos de “humanidade”

O político projeta uma imagem de humanidade ao demonstrar sentimentos de caráter social para com a população desafortunada, ao ser compassivo, mostrar alteridade e empatia para com aqueles que estão em situações de desigualdade e de pobreza. Além disso, como afirma Charaudeau (2015), o político pode confessar as suas fraquezas com parcimônia, e expor os

seus gostos e as suas preferências pessoais íntimas. Por isso, esse *ethos* é constituído pelas figuras de sentimento e de confissão.

Para o autor, a figura do sentimento, na política, é sinônimo de fraqueza, por isso deve ser expressada apenas em situações específicas, como visitas àqueles que sofrem, àqueles que se encontram em situações de catástrofes, e por declarações em que o ato político seja motivado por angústias pessoais.

A figura de confissão é difícil de manipular por sua característica variável, a depender das culturas ou das circunstâncias, visto que pode ou não ser um sinal de fraqueza política. Essa figura é manifestada quando o político reconhece que, apesar de mobilizar as suas forças para resolver uma situação de crise, não consegue obter êxito. O político pode utilizar-se da confissão para refutar as críticas da instância adversária, elucidando que, em tais situações, ninguém teria feito melhor. Nesse sentido, “a eventual fraqueza que poderia revelar a confissão é contrabalanceada por um *ethos* de “coragem” e de “sinceridade”” (CHARAUDEAU, 2015, p. 149).

Além das figuras de sentimento e de confissão, Charaudeau (2015) destaca as figuras do gosto e da intimidade, em que a vida privada e íntima do político, seus gostos e preferências literários, artísticos, culinários, de vestuário, de lazer etc., são expostos pela mídia, para que seu *ethos* seja engrandecido.

2.2.5 *Ethos* de “chefe”

Charaudeau (2015, p. 153) assevera que o *ethos* de “chefe” é marcado pela relação de reciprocidade entre instância política e instância cidadã, visto que o político é eleito pelo povo, para o qual deve prestar contas. Está direcionado para o cidadão, o qual constrói do político uma imagem de liderança, para que “[...] adira, siga, identifique-se a este ser que supostamente é representado por um outro si-mesmo idealizado”. Esse *ethos* é manifestado pelas figuras de guia, de chefe-soberano e de comandante.

Para o autor, o guia é uma espécie de ser superior, uma voz que conduz o povo, consciente de sua incapacidade de autonomia, pelo caminho a ser seguido, e que seja capaz de guiar em meio às peripécias do mundo. Essa figura tem outras variantes que caracterizam os tipos de guia, como o guia-pastor, o guia-profeta e o guia-soberano.

A figura do chefe-soberano funda a legitimidade do político em vista de algumas razões: i) quando o político profere discursos que “[...] lembram quais são seus valores, de modo a *encarnar-se* neles: falar da democracia, da soberania do povo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 157); ii) quando toma uma posição que está acima do conflito, recusando-se a responder as polêmicas em que está envolvido; iii) quando opõe-se a rebaixar-se ao nível da instância adversária, tida como agitadora, para representar uma imagem de homem que domina a cena política.

Para Charaudeau (2015), a figura de comandante é construída por um político que projeta uma imagem autoritária, agressiva, de senhor da guerra, ao fazer declarações guerreiras contra inimigos fronteiros ou não. Interessante pontuar que o comandante deve ter uma visão clarificada sobre o maniqueísmo, pois deve saber diferenciar entre o bem e o mal para indicar, imbuído por uma força sobrenatural, a via que segue para combater o mal.

2.2.6 Ethos de “solidariedade”

O *ethos* de solidariedade é construído pela sensibilidade do político em relação às necessidades e aos sofrimentos dos outros, pela vontade genuína de estar junto com os que se encontram ameaçados, e, principalmente, pela partilha das mesmas ideias e pontos de vista de seu grupo.

No campo político, a relação de reciprocidade entre atos e declarações do político caracterizam a sua solidariedade. Charaudeau (2015) afirma que a demonstração da solidariedade ocorre, mormente, pela defesa e empatia da ideia de um dado grupo, pelas circunstâncias que fomentam esse movimento identitário.

Segundo Charaudeau (2015), o político que se mostra solidário quando se predispõe a estar consciente das responsabilidades que cabem a si próprio e ao seu governo. Outras características desse *ethos* são a escuta da opinião pública, e a atenção às necessidades da população. Ao projetar para si próprio uma imagem de solidário, o político está conferindo a si mesmo a sua legitimidade e a sua importância diante do cenário político.

A seguir, a fim de validar nossas escolhas metodológicas acerca da comparação de discursos de posse presidencial em posição política contrária,

faz-se necessário retomar discussões que buscam caracterizar objetivamente o espectro político dos partidos brasileiros.

3. Classificação preliminar dos presidentes brasileiros por posicionamento político

São inúmeras as pesquisas que utilizam métodos empíricos para classificar os partidos políticos brasileiros por espectro a partir da distinção conceitual entre direita, centro e esquerda (TAROUCO, 2007; MADEIRA; TAROUCO, 2011; TAROUCO; MADEIRA, 2013; TAROUCO; MADEIRA, 2015; SCHEEFFER, 2018; RIBEIRO; BOLOGNESI, 2018). De acordo com Scheeffeffer (2018, p. 120), os métodos mais comuns para a identificação partidária são “[...] os estudos dos manifestos e programas partidários, a avaliação de especialistas, a autolocalização das elites políticas, bem como a percepção dos cidadãos”. O autor filtra a análise do comportamento efetivo, isto é, da ação política dos atores políticos como um dos métodos mais importantes para verificar o posicionamento dos partidos por espectro ideológico.

Tarouco e Madeira (2013) afirmam que é preciso delimitar também uma unidade de análise de conteúdo que enumere as características da direita e da esquerda no Brasil, conforme o contexto histórico e político. Ressaltam os autores que os métodos e a categorização utilizados para localizar os partidos na escala direita-esquerda baseiam-se, conjuntamente, na imagem pública, nos manifestos partidários, em entrevistas e nas declarações dos próprios partidos, nas ações dos parlamentares e na opinião de especialistas (*experts surveys*).

É preciso ressaltar ainda que há um consenso no emprego sistemático de diferentes métodos para catalogação e localização dos partidos brasileiros, que têm sido classificados na dimensão “[...] esquerda-direita sem grandes controvérsias entre autores e analistas políticos e também sem que tenha sido travado nenhum debate mais aprofundado sobre os fundamentos desta classificação” (TAROUCO; MADEIRA, 2013, p. 150).

Para podermos analisar a projeção do *ethos* nos discursos de posse presidencial, levando em consideração o espectro político-ideológico, compactuamos com a ideia de Ribeiro e Bolognesi (2018), de que existe congruência entre o autoposicionamento ideológico manifestado pelos políticos e a maneira como seus partidos se posicionam ideologicamente. O

partido político, por sua vez, é uma instituição superior ao locutor partidário que também possui uma linha de pensamento a ser defendida. Deste modo, entendemos que o posicionamento ideológico do partido ao qual um presidente esteja afiliado no ato de sua posse será também o seu posicionamento

4. Espectro político dos partidos: PSDB e PT

Nosso *corpus* é constituído pelos discursos de posse do primeiro mandato dos presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), respectivamente, 1995 e 2003. Justificamos tal delimitação a partir de três fatores: trata-se de dois representantes cujos espectros políticos estão bem definidos pela teoria política (centro-direita e esquerda), pelos posicionamentos ideológicos de ambos; trata-se de líderes emblemáticos de dois dos principais partidos brasileiros, que polarizaram as eleições dos últimos 20 anos; trata-se de dois políticos que estiveram à frente da coalização que governou o país por duas vezes consecutivas, cada um.

Para executarmos nosso objetivo, o de analisar o *ethos* no discurso de posse presidencial, levando em consideração a forma como o espectro político influencia a projeção da imagem de si, julgamos pertinente discorrermos, brevemente, sobre os aspectos gerais que possibilitam caracterizar o posicionamento político dos dois políticos supracitados, com base nas características que alocam seus respectivos partidos em centro-direita e em esquerda. Primeiro, apresentamos os princípios do PSDB. Em seguida, destacamos os ideais políticos do PT.

É necessário destacar que o espectro ideológico de qualquer partido político implica no seguimento e na defesa de princípios e ideias específicos por meio de seus membros. As características ideológicas que alocam uma agenda política em um perfil de centro-direita ou de esquerda, por exemplo, podem ser encontradas em documentos oficiais, como os manifestos, os estatutos, os programas partidários e de governo; no autopoicionamento e na opinião de seus representantes em relação a determinados temas; na análise de especialistas (*experts surveys*) etc. Descrevemos as ideologias do PSDB e do PT à luz da revisão de literatura que pesquisa sobre partidos políticos. Em relação ao PSDB, especificamente, lançamos mão dos trabalhos

de Vieira (2012) e de Furtado (1996). No que diz respeito à apresentação do PT, levamos em consideração os achados de Reis (2007) e Furtado (1996).

De acordo com Vieira (2012), os trabalhos científicos que avaliam o período democrático (desde o ano de 1985) são unânimes em alocar o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) no espectro ideológico de centro-direita, embora tenha nascido na centro-esquerda. Segundo a autora, a social-democracia no Brasil diverge da europeia, principalmente, porque não há vínculo com movimentos sociais, trabalhistas e sindicais. É, portanto, um partido de elite, forjado dentro do Parlamento, do Congresso Nacional, e não de massas, do seio popular.

Apesar de o PSDB ser caracterizado como um partido de centro-direita, de elite, de notáveis, de intelectuais, Vieira (2012) recorre ao termo *catch all* para definir o partido, pois, para alcançar benefícios eleitorais, essa agenda deixa de focar somente nos adeptos de sua ideologia para cooptar mais eleitores. Para isso, nos discursos, toca-se no afeto da instância cidadã, criando uma imagem de identificação para com o eleitor.

Furtado (1996) destaca quatro tendências presentes no interior do PSDB em sua formação inicial: social-democratas, liberais “progressistas”, socialistas democráticos e democratas cristãos. Segundo o autor, apesar dessas quatro tendências, o partido é visto como exclusivamente ligado à proposta social-democrata.

Para Cardoso (1990, p. 11),

Social-democracia é uma corrente política que quer corrigir as injustiças sociais e melhorar as condições de vida do povo através de reformas livremente consentidas pela sociedade, dentro de um regime democrático. [...] Em poucas palavras, a social-democracia luta pela manutenção e ampliação das liberdades democráticas; pela valorização do trabalho e a elevação do nível de vida dos trabalhadores; pela subordinação do poder econômico ao controle democrático da sociedade.

Vieira (2012), ao analisar os documentos oficiais publicados no período de fundação do PSDB (manifesto, estatuto, programa), encontra propostas sociais-democratas no que diz respeito às políticas sociais, como o combate às desigualdades regionais, a igualdade de direitos e deveres entre o homem e a mulher, a luta pela justiça social, pela liberdade de expressão etc.

Outra constatação de que o PSDB segue um modelo social-democrata diz respeito à economia. Furtado (1996), a partir da leitura do Programa de

Fundação do partido, reitera que a agenda procura situar-se entre um Estado autocrático forte, mas é favorável ao Estado regulador onde for necessário. Para o autor, isso significa que o partido adota um sistema de economia mista, onde a ação estatal e a propriedade privada convivem mutuamente (ideia defendida pelo modelo da social-democracia). Por isso, o “Estado peessedebista está localizado entre essas duas opções, é um mediador de interesses” (FURTADO, 1996, p. 154).

Nesse sentido, vê-se que, nos documentos oficiais e para a teoria política, o PSDB situa-se no espectro político-ideológico da centro-direita. Além disso, a principal tendência da agenda é a social-democracia.

Vale pontuar que centro-direita se distingue pelas seguintes características:

- i. Liberdade de expressão;
- ii. Conservador no que se refere a valores e tradições; liberal, porém não libertário no campo econômico; defensor de uma presença estatal forte apenas em saúde, educação e segurança;
- iii. [...] o estado deve se preocupar, principalmente, com a educação, saúde e segurança, procurando intervir menos na economia;
- iv. É uma posição buscando ser realista e contrário ao governo dos últimos 10 anos (HUBNER; PAESE, 2018, p. 184).

Em síntese, a centro-direita defende a liberdade de expressão, o conservadorismo, e o Estado social-democrata.

Diferentemente do PSDB, o Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado pelos trabalhadores, no início da década de 1980, pois nasceu no seio dos movimentos trabalhista e sindicalista, como destaca Reis (2007). Esse ponto aproxima essa legenda a uma proposta social-democrata. Ainda segundo o autor, em sua formação, o partido foi dividido em três forças: no socialismo democrata; na ideia de um partido populista e trabalhista encabeçado por lideranças sindicais autênticas e adeptas a mudanças radicais e revolucionárias, livre de instituições legais e de lideranças burguesas; na militância da esquerda católica, a partir da chamada teologia da libertação.

De acordo com Furtado (1996), desde a origem do PT, outros segmentos da sociedade articularam-se em favor de sua formação, como a igreja progressista, parlamentares, intelectuais, organizações de esquerda e

movimentos sociais, embora sua proposta tenha sido gerada no seio do movimento sindicalista. Nesse sentido, em sua gênese, a legenda colocou-se como um partido ligado ao socialismo, como uma contracorrente ao regime militar e em favor da democracia. Conforme o autor, o discurso petista é favorável a um socialismo democrático.

Em relação aos seus aspectos ideológicos, Furtado (1996) diz que se torna difícil definir um único perfil para o PT. Ressalta o autor que a maioria dos quadros do partido defende algum tipo de concepção socialista, que está situado à esquerda do espectro político partidário brasileiro. Por isso, a agenda é caracterizada como um “[...] partido de massa, democrático, de origem classista, anti-capitalista, com voz nos movimentos sociais” (FURTADO, 1996, p. 131).

Outrossim, estar situado à esquerda do espectro político-ideológico implica defender ideias relacionadas a:

- i. [...] propriedade pública dos meios de produção, que o Estado esteja a serviço das pessoas com menor renda, incluindo no controle sobre a produção. Defender a reforma agrária, urbana e financeira; [...]
- ii. Uma posição que busca maior igualdade social, através de políticas que sejam focadas nas camadas historicamente menos favorecidas da população;
- iii. [...] o estado tem função primordial nas áreas como educação, saúde e infraestrutura. Sendo o estado a força motriz para o desenvolvimento de uma nação mais soberana e independente;
- iv. [...] uma posição a favor de igualdades sociais, respeito à cidadania, e contrária a autoritarismos;
- v. Lutar por justiça social e equidade com sustentabilidade;
- vi. [...] uma perspectiva de valorização da vida humana e de suas necessidades, [...] como o direito à moradia, comida, educação, liberdade de expressão e religiosidade, livre associação, lazer, trabalho livre e justamente remunerado e proteção contra violência e abusos de poder (HUBNER; PAESE, 2018, p. 182).

Em resumo, a partir das características elencadas, a esquerda defende o controle do Estado, a igualdade e a justiça social, o respeito aos direitos do cidadão, a sustentabilidade, a valorização da vida humana.

Assim, com base no que foi discutido acima, pode-se colocar FHC, representante do PSDB, no espectro da centro-direita; em relação a Lula, representante do PT, pode-se alocá-lo na esquerda, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Cruzamento de espectro político-ideológico por partido

Presidente	Partido	Espectro	Características
FHC	PSDB	Centro-Direita	<ul style="list-style-type: none"> - Políticas sociais; - Luta contra a injustiça social; - Liberdade democrática; - Economia mista; - Combate às desigualdades regionais; - Liberdade de expressão; - Conservadorismo; - Social-democracia; liberais progressistas; socialista democrático; democráticos cristãos.
Lula	PT	Esquerda	<ul style="list-style-type: none"> - Controle do Estado; - Luta pela igualdade e justiça social; - Respeito à cidadania e à sustentabilidade; - Populista, classista; - Anti-capitalista.

Fonte: elaboração própria.

5. Metodologia

Nosso *corpus* é constituído pelos discursos de posse do primeiro mandato dos presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), respectivamente, 1995 e 2003. Os discursos foram obtidos no site oficial da Biblioteca da Presidência da República³, que disponibiliza todo o conteúdo produzido por todos os presidentes da República durante o mandato presidencial.

Na página inicial do referido site, selecionamos a opção “Galeria dos ex-presidentes”. Em seguida, por ordem cronológica, selecionamos os dois presidentes: primeiro FHC; depois, Lula. Na opção “Discursos Presidenciais”, encontram-se todos os discursos proferidos pelos presidentes, por ano de mandato. Em relação a FHC, delimitamos nossa busca ao ano de 1995, onde obtivemos o seu “Discurso de posse no Congresso Nacional”, em formato PDF. No caso de Lula, delimitamos o ano de 2003. Ao selecionarmos essa

³ Dados disponíveis em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>

opção, encontramos o seu “Pronunciamento na sessão solene de posse no Congresso Nacional”, em formato PDF.

Nosso objetivo geral, ressalte-se, é analisar a constituição do *ethos* no discurso de posse presidencial, levando em consideração a forma como o espectro político-ideológico, isto é, o posicionamento político do orador, influencia a projeção da imagem de si. Para exequibilidade de tal empreendimento científico, tomamos como base as categorias de *ethé* de credibilidade e de identificação propostas por Charaudeau (2015).

Além disso, adotamos o método hipotético-dedutivo (POPPER, 2002), pois formulamos os problemas geral e específicos, para os quais, posteriormente, fornecemos soluções preliminares, hipóteses, conjecturas, em que procuramos deduzir as consequências observadas por meio de uma análise prévia de nosso *corpus*. Esse pré-teste analítico servirá como uma tentativa de falseamento de nossas hipóteses, no intuito de refutá-las ou corroborá-las no decorrer da pesquisa. Tal método pode ser resumido pelo seguinte esquema (GIL, 2008, p. 12): “problema → conjecturas → dedução de consequências observadas → tentativa de falseamento → corroboração”.

Em relação à abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, por nos preocuparmos intrinsecamente com o aprofundamento da compreensão de nosso objeto de estudo. Intentamos ainda explicar as razões pelas quais os usos de recursos verbais ligados à enunciação e a utilização de técnicas argumentativas viabilizam a constituição do *ethos* no discurso político. Nossa análise, portanto, centra-se em três ações:

- Descrever as características enunciativas dos discursos de posse presidencial que remetem aos *ethé* de credibilidade e de identificação, a partir de excertos de nosso *corpus*.
- Compreender de que modo os recursos enunciativos que caracterizam os *ethé* de credibilidade e de identificação possibilitam a projeção das imagens de si do orador, com base na interpretação da ocorrência dos eventos enunciativos.
- Explicar as motivações pelas quais os *ethé* de credibilidade e de identificação são construídos nos discursos de posse presidencial.

Cada objetivo específico apresentado constitui-se de um meio para alcançarmos nosso intento geral. Tendo isso em vista, nossa pesquisa é

explicativa, pois temos a preocupação central de “identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno” (GIL, 2008, p. 28).

6. Análise do *ethos* em discursos de posse presidencial

Como já dito, nosso *corpus* é constituído pelos discursos de posse do primeiro mandato dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente, 1995 e 2003. Inicialmente, analisaremos a construção do *ethos* no discurso de posse presidencial de FHC, proferido no Congresso Nacional no dia 1º de janeiro de 1995. Posteriormente, observaremos a projeção das imagens de si no discurso de Lula. Por fim, faremos uma análise comparativa dos dois discursos.

6.1. Construção do *ethos* no discurso de FHC

No início de seu discurso, ao pedir permissão às autoridades presentes no Congresso (vice-presidente da República, deputados, senadores etc.) para que “antes do Presidente, fale [...] o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros” (BRASIL, 1995, p. 23), FHC endossa sua primeira identificação para com a instância cidadã, tocando o afeto social do cidadão, “[...] que funda sua identidade na do político” (CHARAUDEAU, 2015, p. 137). O político sabe que deve sua posição atual à população, por isso direciona seu discurso a essa instância, a qual deve mostrar-se sincero e correto.

No decorrer do discurso, há um excerto em que FHC fala dos ideais com os quais cresceu politicamente. Ele afirma que pertence “[...] a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo” (BRASIL, 1995, p. 23). O fato de enunciar um episódio a respeito de si mesmo sinalizado pelo verbo “pertencer”, conjugado na primeira pessoa do singular, o presidente projeta uma imagem de sério, pois atende à condição de sinceridade. Charaudeau (2015) assevera que, no discurso, o *ethos* de sério se constrói quando o político pronuncia declarações a respeito de si próprio, falando dos ideais que o guiam. De acordo com o autor, o orador é qualificado como crível quando

houver uma correspondência entre o que ele profere, no enunciado, ao que ele pensa política e ideologicamente.

Dentre as características do PSDB que elencamos, estão a liberdade democrática e o respeito à justiça social. Esses princípios citados por FHC, em seu discurso, correspondem ao posicionamento de sua agenda, o PSDB, os quais ele também defende. Assim, esse fato desvela dois aspectos: i) que o mesmo procedimento enunciativo utilizado para construir o *ethos* de sério, ao trazer informações sobre si próprio, pode ser também uma forma de expressar o espectro político-ideológico que o orador defende, tais como social-democracia, liberdade e justiça; ii) que o mesmo procedimento enunciativo utilizado para expressar o espectro político-ideológico que o orador defende, tais como social-democracia, liberdade e justiça, pode ser, da mesma forma, utilizado para construir o *ethos* de sério, ao trazer informações sobre si próprio extensivas ao seu partido político.

No trecho a seguir, percebe-se, novamente, que o orador expressa as convicções que seu partido (e ele próprio) defende, “o desenvolvimento, a liberdade e a justiça”. No entanto, FHC constrói uma imagem distinta da anterior, visto que não faz declarações a respeito de si mesmo, mas se mostra otimista em relação ao futuro do Brasil, e orgulhoso por ter sido escolhido para ser presidente pela maioria de seus concidadãos, posição a qual nunca imaginou que estaria.

Assim eu vi meus filhos nascerem, e meus netos, sonhando e lutando para divisar o dia em que o desenvolvimento, a liberdade e a justiça – justiça, liberdade e desenvolvimento – andariam juntos nesta terra. Eu nunca duvidei de que esse dia chegaria. Mas nunca pensei que ele pudesse me encontrar na posição que assumo hoje, escolhido pela maioria dos meus concidadãos para liderar a caminhada rumo ao Brasil dos nossos sonhos. Sem arrogância, mas com absoluta convicção, eu digo: este país vai dar certo! (BRASIL, 1995, p. 24).

Atrelado à referência ao espectro político partidário ao qual coaduna, FHC projeta um *ethos* de “caráter”, pela figura do orgulho. Segundo Charaudeau (2015), mesmo que o político não confesse estar orgulhoso ou mostre ser ambicioso em seu discurso, pois essa atitude vai de encontro à modéstia e à ideia de democracia que quer transmitir, não há melhor chefe que aquele levado pela ambição pessoal de realizar grandes obras em seu mandato. É preciso lembrar que o Brasil vivenciou um período de retrocesso em sua história (a ditadura), por isso pode-se entender que “a caminhada

rumo ao Brasil dos nossos sonhos”, isto é, desenvolvida, justa e com liberdade, será construída por um presidente que acredita em tais convicções, e que tem uma ambição pessoal, mas sem arrogância, ao dizer que o país “vai dar certo”, de modo a exaltar, mesmo que indiretamente, as condições de eficácia de sua própria gestão, recém iniciada.

Quando o orador, no discurso político, demonstra ter conhecimento de ações políticas necessárias para realizar seus objetivos na governança, ele está construindo um *ethos* de “competência”. Conforme Charaudeau (2015) destaca, a imagem de competência exige do político o saber e a habilidade para executar sua atividade política. Note-se ainda que o presidente atende à condição de eficácia, ao demonstrar que tem conhecimento sobre o que é preciso fazer para sustentar o crescimento da economia.

Na passagem de seu discurso, a seguir, pode-se visualizar tal imagem.

[...] hoje nós sabemos o que o Governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia. E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo. Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos. Sem ceder um milímetro da nossa liberdade, sem quebrar contratos nem lesar direitos, acabamos com a superinflação (BRASIL, 1995, p. 25).

Para entendermos este trecho, é preciso lembrar que, antes dessa época, o Brasil estava saindo de uma superinflação econômica. Para muitos, essa superação obteve êxito graças ao Plano Real criado por FHC, então Ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, antecessor ao seu. Por isso, o orador diz que mesmo quando muitos duvidaram, “acabamos com a superinflação”. Não há, no entanto, nenhuma referência explícita, nesse trecho, ao Plano Real, nem aos meios que serão utilizados para sustentar o crescimento da economia, mas FHC demonstra que tem experiência e poder para exercer tal atividade, sem quebrar os princípios da liberdade e dos direitos do cidadão. Nesse momento, mais uma vez o orador sustenta um *ethos* de competência, sem ceder a um discurso em tom imodesto, o que poderia contribuir para uma negativa imagem de soberba. Vale ressaltar ainda que FHC defende a ideia de uma economia mista, em que a ação estatal e a propriedade privada convivem mutuamente. O político coloca-se apenas como um mediador desses sistemas econômicos, a partir de um liberalismo progressista.

Na sequência de seu discurso, o presidente constrói uma imagem de solidariedade ao se mostrar consciente das responsabilidades que cabem ao seu governo (CHARAUDEAU, 2015), como diminuir a injustiça social, por exemplo. Quando FHC diz “Falta a justiça social. É esse o grande desafio do Brasil neste fim de século. Será esse o objetivo número um do meu Governo” (BRASIL, 1995, p. 26), ele está corroborando a ideia de uma social-democracia, que busca corrigir as injustiças sociais e melhorar as condições de vida do povo através de reformas livremente consentidas pela sociedade. FHC, nesse excerto, ao fazer alusão de que falta a justiça social, segue um dos princípios de sua agenda, a luta contra a injustiça social, ao mesmo tempo em que projeta uma imagem de político solidário para com o povo.

Ainda que a projeção de um *ethos* de caráter ocorra ao longo de seu discurso, mediante figuras de força tranquila, de controle de si e de moderação, em um determinado ponto de seu discurso, FHC ressalta este *ethos* de caráter, pois a escolha das palavras serenidade e firmeza remetem às figuras de tranquilidade e firmeza, características de tal imagem.

Vou governar para todos. Mas, se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei ao lado da maioria. Com serenidade, como é do meu feitio, mas com firmeza. Buscando sempre os caminhos do diálogo e do convencimento, mas sem fugir à responsabilidade de decidir (CARDOSO, 1995, p. 27).

É sabido que uma das propostas sociais-democratas do PSDB no que diz respeito às políticas sociais é o combate às desigualdades regionais e sociais. No trecho abaixo, FHC afirma que o grande desafio de seu governo será governar para todos com o intuito de diminuir as desigualdades, não desta ou daquela região, não apenas dos excluídos, mas de todos. Mais uma vez se evoca o *ethos* de credibilidade por competência, estratégica e implicitamente construído mediante raciocínio de que “se se conseguiu acabar com a superinflação, pode-se diminuir as desigualdades”.

O Governo [...] se jogará por inteiro no grande desafio - que é do Brasil e não é apenas desta ou daquela região; que é de todos e não apenas dos excluídos - de diminuir as desigualdades até acabar com elas (BRASIL, 1995, p. 30).

Ao reforçar mais uma vez a linha de pensamento compatível com a qual segue, nesse caso, o combate às desigualdades regionais e sociais, FHC demonstra sua determinação em agir para “diminuir as desigualdades até

acabar com elas”. Dessa forma, o presidente apresenta uma imagem de potência (CHARAUDEAU, 2015), ao demonstrar que agirá para acabar com as injustiças regionais e sociais. Ressalte-se que este *ethos* é constituído, também, de maneira a se evitar imagens de arrogância e soberba, visto que, ao construir a imagem de potência, o orador o faz sob de forma não nominalizada, codificado como sujeito da oração não a si próprio, em primeira pessoa, mas usando a expressão “o governo”. Tais escolhas léxico-gramaticais são estratégicas, visto que a eficiência da construção do *ethos* decorre de imagens que são mostradas nos discursos, sem que necessariamente estejam explícitas.

Na parte final de seu discurso de posse presidencial, FHC elenca algumas propostas em relação à política social compatíveis com o espectro partidário de sua legenda, tais como uma vida decente às crianças, igualdade e oportunidades às mulheres e às minorias raciais, aos negros e aos grupos indígenas.

O sentimento que move esse apoio de todos ao País tem um nome: solidariedade. [...] Vamos assegurar uma vida decente às nossas crianças, tirando-as do abandono das ruas. [...] Vamos assegurar com energia direitos iguais aos iguais; às mulheres, que são a maioria do nosso povo e às quais o País deve respeito, oportunidades de educação e de trabalho; às minorias raciais e a algumas quase minorias - aos negros, principalmente -, que esperam que igualdade seja, mais do que uma palavra, o retrato de uma realidade; aos grupos indígenas, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade (BRASIL, 1995, p. 32).

Igualmente, FHC mostra-se solidário para com as minorias que sofrem, mulheres, negros, indígenas, crianças abandonadas. Nesse sentido, constrói um *ethos* de solidariedade, pois essa imagem caracteriza-se quando um político mostra que “[...] as suas opiniões (ou as decisões) dos membros de seu grupo [partido] são partilhadas e defendidas por ele” (CHARAUDEAU, 2015, p. 163). Simultaneamente a um *ethos* de solidariedade que é expresso, mostrado; se constroem novamente imagens de competência e de potência, mediante o reiterado sintagma “vamos assegurar”.

Em síntese, FHC constrói para si, em seu discurso, imagens de sério, de caráter, de competência, de solidariedade e de potência, dando ênfase especialmente, ao *ethos* de competência, amparado ao histórico político na qualidade de ministro da fazenda do governo anterior, tornado estrategicamente implícito em seu pronunciamento. Esta constatação

corroborar com Silva (2012), para a qual FHC fundamenta seus discursos na eficiência de gestões passadas, de modo a sustentar *ethos* de credibilidade. Para a autora, “FHC, em seus pronunciamentos, procura solidificar um *éthos* prévio de competência (que já contava com a legitimidade de grande parte do auditório), além de utilizar vários *ethé* para produzir uma imagem ideal dele mesmo e de seu governo” (SILVA, 2012, p. 84). A seguir, apresentaremos análise da construção da imagem de si no discurso de posse de Lula (2003).

6.2. Construção do *ethos* no discurso de Lula

O presidente Lula já havia concorrido, nas três últimas eleições, à presidência da República, inclusive concorrendo contra FHC em 1994 e 1997. No começo de seu discurso de posse no Congresso Nacional, Lula assevera o desejo de mudança “diante do esgotamento de um modelo” (BRASIL, 2003, p. 1), que o antecedeu. Esse “modelo”, como diz em seu discurso, gerou estagnação, fome, egoísmo, desemprego, insegurança, impasse econômico, social e moral. Por isso, o orador coloca-se como um presidente escolhido pelo povo brasileiro para promover a mudança necessária. Ademais, o orador não identifica os atores responsáveis (instância adversária) por tais consequências danosas. Ao mesmo tempo em que se posiciona contrário ao governo anterior, defendendo os princípios de crescimento, justiça, segurança, Lula também projeta um *ethos* de virtude, pela figura da lealdade, ao criticar sem nomear um responsável. Salienta Charaudeau (2015) que o orador pode construir a imagem de virtude quando se referir ao adversário sem desferir golpes baixos ou acusar severamente uma pessoa específica.

No trecho a seguir, notam-se dois aspectos: que o orador exalta o país e o povo; que há uma identificação para com a audiência com o intuito de, juntos, comprometerem-se para realizar suas proposições em seu mandato.

Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo, em suas próprias forças. [...] E eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome (BRASIL, 2003, p. 2-3).

Quando o presidente conclama a si próprio e o povo para um “mutirão nacional contra a fome”, percebe-se o seu comprometimento com uma de suas principais propostas: o combate à fome. Ao defender uma ideia partidária de valorização da vida humana e de suas necessidades, como o direito básico à comida, o orador estabelece reciprocidade entre seu próprio interesse e o da instância cidadã, projetando o *ethos* de chefe mediante figura de guia supremo. Essa necessidade de se criar um eixo em comum que irmana todos os brasileiros num único grupo social é expressada, mais uma vez, em seu discurso, como se vê na sequência:

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. [...] É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. [...] Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia (BRASIL, 2003, p. 3-4).

Lula, novamente, busca apoio no povo para realizar as mudanças necessárias ao país. Para ele, uma ação urgente é a segurança alimentar. Por isso, afirma que vai criar o programa “Fome Zero”. Essa conclamação corresponde à sua posição partidária, que busca maior igualdade social, através de políticas que sejam focadas nas camadas historicamente menos favorecidas da população. Nesse caso, os mais pobres, aqueles que vivem na miséria. Outrossim, juntamente ao *ethos* de chefe, uma imagem de humanidade é projetada, visto que, nesse trecho, diante de uma situação dramática, o orador demonstra “[...] sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem” (CHARAUDEAU, 2015, p. 149).

Após essa convocação, o presidente reitera uma de suas proposições políticas para acabar com a fome: uma reforma agrária.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada. Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, soja, farinha, frutos, o nosso feijão com arroz. [...] A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas, com linhas de crédito e assistência técnica e científica (BRASIL, 2003, p. 4).

Aqui, o orador constrói uma imagem de competente (CHARAUDEAU, 2015), ao demonstrar ser possuidor, ao mesmo tempo, de um conhecimento

político para propor projetos necessários e de uma habilidade para executá-los de maneira adequada, pois planeja uma reforma agrária que traga mais alimentos, trigo, soja, farinha, frutos, feijão e arroz, para a mesa dos brasileiros. O orador apresenta essa reforma organizada, em que se aproveitará os milhões de hectares de terras ociosas, para promover o emprego e o combate à fome. Além disso, ele se autoposiciona favorável a uma ideia do espectro ao qual pertence, a de que a propriedade pública dos meios de produção esteja a serviço das pessoas com menor renda, incluindo o controle sobre a produção.

No discurso do presidente, é possível observamos que há uma recorrência de promessas políticas para promover a mudança necessária. Abaixo, outra proposta é apresentada por Lula.

Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. [...] Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar, e muito, o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção (BRASIL, 2003, p. 5).

Em tom imperativo, o orador diz que sua “obsessão” será criar empregos e que irá travar um combate “implacável” para reduzir a inflação, além de incrementar o mercado interno e investir na capacitação tecnológica. Para Lula, que defende o direito ao trabalho livre e remunerado, essas são propostas que farão o país desenvolver-se, bem como são formas para superar as dificuldades econômicas. Assim, diante da necessidade social e econômica, o político preocupa-se com o bem público de maneira realista. Dessa forma, ele constrói para si um *ethos* de sério ao fazer “[...] promessas que exprimem a justa medida, a consciência dos limites, a recusa a demagogia, a necessidade de ajustar os projetos aos meios existentes” (CHARAUDEAU, 2015, p. 123).

Outrossim, é comum que um político, em um discurso de posse, reafirme as promessas feitas durante a campanha eleitoral, mas Charaudeau (2015) adverte que tais promessas devem ser convenientes, isto é, que as propostas apresentadas pelo político sejam consideradas de difícil realização, para que a sua imagem de sério não seja afetada.

No trecho a seguir, Lula posiciona-se contrário à corrupção, à sonegação e ao desperdício, principalmente, porque são atitudes que não ajudam a população na sua luta pela sobrevivência. Ademais, o orador fala de honestidade a partir da aplicação correta dos recursos públicos evitando o seu desperdício para focar em resultados sociais concretos, e conclui reafirmando seu comprometimento, nesse âmbito, para com o povo. Nesse sentido, Lula elenca princípios políticos éticos que sua agenda (e ele próprio) defende, como a honestidade, a transparência, o combate à corrupção e a transparência para com a população.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência. Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do país. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões de brasileiros e brasileiras (BRASIL, 2003, p. 7).

Sob essa perspectiva, o orador para preservar o *ethos* de virtude (CHARAUDEAU, 2015), pela figura da honestidade pessoal, pois mostra que suas motivações e engajamento não são fomentados por uma ambição pessoal, mas pelo interesse da social-democracia.

A seguir, vemos um trecho em que Lula disserta acerca de seu *modus operandi* no que tange à ação diplomática, importante instrumento de desenvolvimento nacional, orientada por uma perspectiva humanista. Assim, quando ele afirma que sua visão de política externa será um reflexo dos anseios de mudança que se expressaram nas ruas, nota-se uma ideia partidária de um Estado democrático, que estará atento à opinião pública diante das tomadas de decisões no que diz respeito à ação diplomática do Brasil.

Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas. No meu Governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional (BRASIL, 2003, p. 9).

Por isso, no excerto acima, Lula reafirma a identificação e a confiança que a instância cidadã tem para com ele, pois partilham as mesmas ideias e os mesmos pontos de vista, características que projetam uma imagem de solidariedade (CHARAUDEAU, 2015). Além disso, ao expressar que seu projeto

de política externa refletirá aquilo que foi expresso nas ruas, denota uma atitude de consideração para com os a instância cidadã, que colocou o orador em tal posição política.

Em síntese, Lula constrói em seu discurso os *ethé* de virtude, de chefe, de humanidade, de competente, de sério e de solidariedade. Constatase, além disso, que o *ethos* de chefe e de solidariedade são mais proeminentes em seu pronunciamento. Não obstante, variadas pesquisas⁴ apontam como discursivamente Lula projeta reiteradamente a imagem de guia soberano/guia-pastor no sentido de construir para si a imagem de maior líder popular da história moderna da política brasileira.

Considerações finais

As análises empreendidas permitiram um aprofundamento do entendimento dos processos de construção do *ethos* no discurso político, evidenciando a eficácia da proposta classificatória de Charaudeau (2015). Nesta pesquisa, compararam-se a projeção da autoimagem nos discursos de posse do primeiro mandato de FHC (1994) e Lula (2003). Os resultados apontam que, de acordo com o posicionamento ideológico do respectivo espectro político no qual cada estadista se encontra, alguns *ethé* foram igualmente construídos, tais como os de solidariedade. Ressalta-se, todavia, que a atenção às necessidades dos outros, especialmente dos mais pobres, é tônica constante no contexto político brasileiro.

Outro ponto em comum nos dois pronunciamentos é o uso da enunciação elocutiva, isto é, a implicação do orador mediante uso de primeira pessoa e de recursos modalizadores a fim de exprimir seu ponto de vista pessoal. Acredita-se que a cena genérica em questão, qual seja, discurso de posse presidencial, de alguma maneira constranja tais usos. A preocupação em se construir *ethé* de credibilidade, especialmente os de seriedade e competência, também se verificou constante em ambos os pronunciamentos.

Todavia, a pesquisa também demonstrou que a projeção que cada estadista fez de si apresenta prioridades distintas. Ao passo que FHC enfatiza, implícita e estrategicamente, sua competência mediante evocações de seu

4 Ver Greco (2007), Baviera (2008), Silva (2012), Gandim e Panke (2015), Tomaz e Gouvêa (2017), Almeida e Campos (2019), entre outros.

histórico político, especificamente relacionado à concepção do plano real e ao período de estabilidade na economia brasileira quando fora Ministro da Fazenda do governo anterior; Lula privilegia, em consonância com os ideais populistas de luta pela justiça e igualdade social característicos à esquerda, o *ethos* de humanidade. O uso de enunciação elocutiva, através da primeira pessoa do plural e de termos pivô no campo semântico da fraternidade também indicam preocupação na construção do *ethos* de chefe, por meio da figura de guia pastor. Não obstante, variadas pesquisas apontam como discursivamente Lula projeta reiteradamente a imagem de guia soberano/guia-pastor no sentido de construir para si a imagem de maior líder popular da história moderna da política brasileira.

Por fim, há que se reconhecer que esta pesquisa apresenta limitações, tais como a análise restrita ao texto escrito, sem se considerarem os aspectos semióticos da cenografia real, tais como tom de voz e gesticulação. Além disso, por se tratar de um discurso não espontâneo, isto é, previamente produzido para tal ocasião, é bastante provável que tenha sido elaborado por uma equipe assessora – de modo a ter sido necessário, portanto, considerarmos o espectro político de cada presidente. Por último, a análise de autoimagem emergente de tais discursos deixou de lado questões relacionadas ao *ethos* prévio e às representações que instâncias políticas e midiáticas já engendradas, os quais poderão ser respondidos em pesquisas posteriores⁵.

Referências

ALMEIDA, Júlia Maria Costa; CAMPOS, Annelise Carvalho Souto Mayor de. *Ethos* discursivo e cenografias no discurso político. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 61, p. 1-11, 2019.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Botelho Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

5 A pesquisa de Silva (2012) já recobre parte deste escopo, uma vez que teve como objetivo central analisar os recursos retóricos de FHC e Lula, e como estes auxiliam na construção do *ethos* de cada presidente.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* discursivo ou a encenação do orador. In: _____. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução: Ângela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018. p. 79-104.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.

BARTHES, Roland. **L'aventure sémiologique**. Paris: Editions du Seuil, 1985.

BAVIERA, Evaldo. **Discurso político, ethos e memória discursiva: uma análise da constituição do sujeito Lula**. 2008. 106f. Dissertação (mestrado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Franca, Franca, 2008.

BRASIL. Casa Civil. **Discurso de posse no Congresso Nacional** (Presidente Fernando Henrique Cardoso). Brasília: Biblioteca da Presidência da República, 1995.

BRASIL. Presidência da República. **Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional**. Brasília: Secretaria de Imprensa e Divulgação, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique. **A social-democracia**. O que é, o que propõe para o Brasil? São Paulo, 1990. Disponível em: <https://bit.ly/2TuV2gG> Acesso em: 28 fev. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2015.

FURTADO, Olavo Henrique Pudenci. **Trajetos e perspectivas social-democratas: do modelo europeu para o PSDB e o PT no Brasil**. 1996. 176f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Ciência Política. Campinas, 1996.

GANDIN, Lucas; PANKE, Luciana. A transferência de *ethos* de Lula para Dilma na campanha eleitoral de 2010. **Revista eletrônica de ciência política**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 167-186, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2xtJNgQ>. Acesso em: 26 mar. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRECO, Eliana Alves. O *ethos* e a identidade de Lula: a trajetória discursiva de um candidato à presidência da república. In: 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso. 2008. Maringá. **Anais...** Maringá: Dep. de Letras ed., 2007. p. 622-630.

HADDAD, Galit. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 145-165.

HUBNER, Alysson; PAESE, Joel. Centrismo e híbrido político: o sentido da política. **Revista Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 2, p. 174-189, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Tj9b1z>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUÇO, Gabriela da Silva. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 8, n. 15, p.171-186, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3f31zrF>. Acesso em: 06 fev. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008a. p.11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 69-91.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de ethos. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 321-330, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2JgxXtp>. Acesso em: 25 fev. 2020.

POPPER, Karl. **The logical of scientific Discovery**. London: Routledge Classics, 2002.

REIS, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, J.; REIS, Daniel A. (org.). **Revolução e democracia (1964-...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 503-540.

RIBEIRO, Ednaldo Aparecido; BOLOGNESI, Bruno. Ideologia e representação: valores e atitudes de legisladores municipais. In: GIMENES, Éder R.; BORBA, Julian (org.). **Poder legislativo e cultura política: valores, atitudes, trajetória e comportamento político dos vereadores e vereadoras do Estado de Santa Catarina**. Curitiba: CPOP, 2018. p. 131-181.

SCHEEFFER, Fernando. A alocação dos partidos no espectro ideológico a partir da atuação parlamentar. **Revista E-legis**, Brasília, n. 27, p. 119-142, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/39eV4yY> Acesso em: 05 fev. 2020.

SILVA, Andreia Aleixo da. **Discurso político e poder no Brasil na era neoliberal: argumentação e construção do ethos no manuseio do poder**. 2012. 159f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

TAROUCO, Gabriela da Silva. **Os Partidos e a Constituição**: ênfases programáticas e propostas de emenda. 2007. 161f. Tese (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2007.

TAROUCO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Os partidos brasileiros segundo seus estudiosos: Análise de um *expert survey*. **Revista Cívitas**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 24-39, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2UB9e8c> Acesso em: 06 fev. 2020.

TAROUCO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 21, n. 45, p. 149-165, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2QKk62j> Acesso em: 06 fev. 2020.

TOMAZ, Natália Rocha Oliveira; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Um estudo do *ethos* em discursos do ex-presidente Lula. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 p. 441-471, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/39mgESa> Acesso em: 26 mar. 2020.

VIEIRA, Soraia Marcelino. **O Partido da Social Democracia**: trajetória e ideologia. 2012. 186f. Tese (doutorado em ciência política) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2012.

Forma de citação sugerida conforme ABNT

SOUSA, Alisson Fernando Abreu de; NOBRE, Kennedy Cabral. A construção do *ethos* em discursos de posse presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1995) e Luís Inácio Lula da Silva (2004). **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 2, p. 49-79, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2686>.